

EVASÃO ESCOLAR: CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS.

Márcia Rodrigues Neves Ceratti*

RESUMO

Este artigo aborda as causas e conseqüências da evasão escolar, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, a partir de pesquisa qualitativa e etnográfica realizada na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos- Nova Londrina- Ensino Fundamental e Médio, no município de Nova Londrina. O objetivo é analisar elementos que causam a evasão escolar refletindo sobre o trabalho educativo, e a importância da prática pedagógica dos professores acerca dos conceitos envolvendo: mediação, historicidade, prática social e transmissão do conhecimento socialmente construído. O texto segue defendendo a necessidade da escola combater a exclusão social por meio do efetivo trabalho educativo voltado a instrumentalizar o aluno com o desenvolvimento eficaz da aprendizagem dos conhecimentos científicos/conteúdos, trabalhados nas diferentes áreas do conhecimento. Esse argumento caracteriza-se, por um lado, como uma maneira da escola enfrentar os problemas nesse campo, e por outro, uma possibilidade para que o aluno saia do complicado processo da evasão escolar.

Palavras-chave: Evasão escolar. Trabalho educativo. Aprendizagem significativa.

ABSTRACT

This article discusses the causes and the consequences of the high school dropout, especially in the Youth and Adult Education, from qualitative research conducted in and ethnographic Network of Public Education of the State of Parana in the State Center of Basic Education for Youth and Adults-New Leicester - Primary / Secondary Education, in the city of New Londrina. The objective is to analyze the factors that cause dropout reflecting on the educational work, and the importance of pedagogical practice of teachers about the involved concepts: mediation, history, social practice and transmission of

*Professora Pedagoga participante do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), SEED/PR. Dezembro de 2008. E-mail: mceratti@yahoo.com.br.

knowledge socially constructed. Below the text goes on defending of school combats social exclusion through the effective educational work again exploited the student with the successful development of learning scientific knowledge / content, worked in different areas of knowledge. This argument is characterized on the one hand, as a way to deal with school problems in this field, on another hand, an opportunity for the student quit the complicated process of the dropout school.

Keywords: Dropout. Educational work. Learning significant.

1- INTRODUÇÃO

Nesse artigo, a pretensão é apresentar para a discussão as causas e conseqüências da evasão escolar, mas especificamente na Educação de Jovens e adultos, a partir de pesquisa qualitativa e etnográfica, realizada por meio da aplicação de questionários, com quatro a sete questões abertas, elaboradas para cada um dos três segmentos da comunidade escolar à saber: aluno, professor e equipe diretiva, efetuada na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos- Nova Londrina- Ensino Fundamental e Médio, no município de Nova Londrina, Estado do Paraná.

Tal investigação envolveu a diretora, duas professoras pedagogas, três coordenadoras, quatro auxiliares administrativos, uma professora readaptada na função de bibliotecária, trinta e cinco professores e cento e quinze alunos, sendo 52 do Ensino Fundamental e 63 do Ensino Médio.

Esta pesquisa procura analisar a relação aluno – professor – escola-família na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná. Buscam verificar: a visão do aluno/ família sobre a escola pública em que estuda; a visão dos Professores da escola pública do Paraná sobre a sua escola de atuação; analisar a formação do Professor, inicial e continuada; analisar as condições físicas e materiais das escolas e analisar as condições humanas das escolas.

O problema da evasão escolar preocupa a escola e seus representantes, ao perceber alunos com pouca vontade de estudar, ou com importantes atrasos na sua aprendizagem. Os esforços que a escola, na

pessoa da direção, equipe pedagógica e professores fazem para conseguir a frequência e aprovação dos alunos não asseguram a permanência deles na escola. Pelo contrário, muitos desistem.

Nesse sentido, é preciso considerar que a evasão escolar é uma situação problemática, que se produz por uma série de determinantes.

Convém esclarecer que o termo evasão escolar será entendido como resultado do fracasso escolar do estudante e da própria instituição escolar, como se verá mais adiante ao estudar as causas e conseqüências da evasão escolar, assim também, como seus efeitos na produtividade da escola.

Torna-se relevante explicar que produtividade será tomada sob dois aspectos: um diz respeito à conclusão dos estudos pelo aluno e outro se amplia para abranger o próprio resultado da apropriação do saber em seu sentido mais amplo, capaz de levar o aluno a se constituir como cidadão e sujeito histórico (VASCONCELLOS, 1995).

Entender e interferir positivamente no processo da evasão escolar é um desafio que exige uma postura de desconstrução das verdades construídas pelos leitores, assumindo assim uma atitude reflexiva diante dos conhecimentos prévios acerca da evasão escolar. Assim vale destacar que essa situação é semelhante ao ato de conhecer citado por Freire (1982, p. 86), como um desafio, onde se lê que:

O próprio fato de tê-lo reconhecido como tal me obrigou a assumir em face dele uma atitude crítica e não ingênua. Essa atitude crítica, em si própria, implica na penetração na "intimidade" mesma do tema, no sentido de desvelá-lo mais e mais. Assim, [...] ao ser a resposta que procuro dar ao desafio, se torna outro desafio a seus possíveis leitores. É que minha atitude crítica em face do tema me engaja num ato de conhecimento.

Nesse intuito, ao compreender a abrangência do tema evasão escolar citado por Brasil (2006), envolvendo questões cognitivas e psicoemocionais dos alunos, fatores socioculturais, institucionais e aqueles ligados à economia e a política, faz-se necessário esclarecer que o estudo feito neste artigo refere-se a questões institucionais envolvendo o trabalho educativo desenvolvido nas escolas públicas do estado do Paraná.

A partir daí, considera-se necessário a aproximação daqueles estudiosos e pesquisadores que se ocuparam em desvendar o problema da evasão escolar, suas causas e conseqüências, mas especificamente na Educação de Jovens e Adultos.

Essas preocupações nortearam as discussões, culminando na produção deste artigo, cujo objetivo é analisar os determinantes que causam a evasão escolar refletindo sobre o trabalho educativo, tomando-se como referência, as idéias autores, que vêm se dedicando a fundamentar uma tendência de pensamento pedagógico diferenciado, posto que explicam a importância do trabalho dos professores acerca dos conceitos envolvendo: mediação, historicidade, prática social e transmissão do conhecimento socialmente construído (VASCONCELLOS, 1995).

Procura-se descobrir se o que vivenciado no pequeno município de Nova Londrina, no Estado do Paraná é o mesmo que em outras localidades. A vontade de explicar um pouco mais essa complexidade força a retomada do estudo da questão. Então com maior proximidade tentou-se oferecer uma visão mais abrangente do trabalho educativo desenvolvido nas escolas públicas do Paraná. Contudo, este não é um texto fechado; são reflexões que pode no futuro receber outras contribuições, inclusive, superá-las, entendendo o processo dialético, como um fato que marca a sociedade contemporânea. Nesse sentido, Vasconcellos (1995), caracteriza o homem como um ser ativo e de relações com os outros e com o mundo, sendo o conteúdo objeto de reflexão e re-elaboração.

2- A RELAÇÃO ALUNO- PROFESSOR- ESCOLA- FAMÍLIA NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO ESTADO DO PARANÁ: UM ESTUDO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

A idéia dessa pesquisa nasceu nos encontros de orientação com a professora Janira Siqueira Camargo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e mais três professoras pedagogas, suas orientandas e participantes do Programa de Desenvolvimento Educacional- turma 2007, ofertado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e etnográfica, realizada por meio da aplicação de questionários, com quatro a sete questões abertas, elaboradas para cada um dos três segmentos da comunidade escolar, sendo eles: aluno, professor e equipe diretiva, englobando nessa categoria a diretora, as professoras pedagogas, as coordenadoras, os auxiliares administrativos e uma professora readaptada na função de bibliotecária, realizada na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná, no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos- Nova Londrina- Ensino Fundamental e Médio (CEEBJA- Nova Londrina), no município de Nova Londrina, no Estado do Paraná.

As considerações aqui veiculadas têm o objetivo de analisar a relação aluno – professor – escola- família na Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná. Buscam verificar: a visão do aluno/ família sobre a escola pública em que estuda; a visão dos professores da escola pública do Paraná sobre a sua escola de atuação; analisar a formação do professor, inicial e continuada; analisar as condições físicas e materiais das escolas e analisar as condições humanas das escolas.

Questões de caráter pedagógico apresentam implicações de ordem administrativa. A partir dessa discussão envolvendo a aplicação e tabulação das respostas da pesquisa, busca-se questionar e elucidar indícios das causas e conseqüências da evasão escolar.

2.1- APLICAÇÃO DA PESQUISA.

Iniciou-se o trabalho de aplicação dos questionários e levantamento de dados na terceira semana do mês de agosto do ano de 2007, na escola pública da rede estadual de ensino denominada CEEBJA- Nova Londrina, que atende 530 alunos, sendo do Ensino Fundamental (II Segmento) e do Médio. Seu quadro de funcionários somam: uma diretora, duas professoras pedagogas, três coordenadoras da Ação Pedagógica Descentralizada (APED)- (salas de aula que funcionam em outros espaços físicos e ou em outros municípios), quatro auxiliares administrativos, uma professora readaptada na função de bibliotecária, trinta e cinco professores, três auxiliares de serviços gerais e um vigia. Observa-se que essas duas últimas categorias não participaram da pesquisa. As alunos participantes da pesquisa totalizam 52 no Ensino Fundamental e 63 no Ensino Médio.

2.2- PERFIL DOS SUJEITOS.

Quadro 1- Perfil dos alunos participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto ao nível de ensino e idade.

IDADE	ENSINO FUND.	ENSINO MÉDIO	TOTAL
15 - 20	3	4	7
21 - 30	5	16	21
31 - 40	20	16	36
41 - 50	20	15	35
51 - 60	3	9	12
61 - 70	1	3	4
TOTAL	52	63	115

Quadro 2- Perfil dos alunos participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto à idade e sexo.

IDADE	SEXO		TOTAL
	MASC.	FEM.	
15 - 20	5	5	10
21 - 30	11	9	20
31 - 40	22	10	32
41 - 50	22	10	32
51 - 60	7	6	13
61 - 70	3	5	8
TOTAL	70	45	115

Quadro 3- Perfil dos alunos participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto ao nível de ensino e trabalho.

TRABALHO	ENSINO		TOTAL
	FUND.	MÉDIO	
SIM	37	54	91
NÃO	15	9	24
TOTAL	52	63	115

Quadro 4- Perfil dos professores participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto à idade e sexo.

IDADE	SEXO		TOTAL
	MASC.	FEM.	
25 - 30	3	2	5
31 - 40	1	9	10
41 - 50	4	11	15
51 - 60	1	3	4
61 - 70	-	1	1
TOTAL	9	26	35

Quadro 5- Perfil dos professores participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto ao tempo de magistério e ao tempo de trabalho na escola.

TEMPO DE MAGISTÉRIO	NÚMERO DE PROFESSORES	TEMPO DE TRABALHO NA ESCOLA	NÚMERO DE PROFESSORES
1 - 5	4	1 – 5	31
6 - 10	5	6 – 10	3
11 - 15	8	11 – 15	1
16 - 20	8	16 – 20	-
21 - 25	6	21 – 25	-
26 - 30	4	26 – 30	-
TOTAL	35	TOTAL	35

Quadro 6- Perfil da equipe diretiva participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina-2007 quanto à idade e sexo.

IDADE	SEXO		TOTAL
	MASC.	FEM.	
21 - 30	1	-	1
31 - 40	-	4	4
41 - 50	-	2	2
51 - 60	-	3	3
TOTAL	1	9	10

Quadro 7- Perfil da equipe diretiva participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto à escolaridade.

ESCOLARIDADE			
ENSINO MÉDIO	ENSINO SUPERIOR	ESPECIALIZAÇÃO	TOTAL
2	2	6	10

Quadro 8- Perfil da equipe diretiva participantes da pesquisa do CEEBJA- Nova Londrina- 2007 quanto ao tempo de trabalho na escola.

ANOS	TEMPO DE TRABALHO NA ESCOLA
1 -- 5	3
6 -- 10	7
TOTAL	10

Quanto a entrega, aplicação e devolução dos dados referentes à pesquisa, obteve-se os seguintes resultados: foram entregues aos alunos 192 formulários dos quais 115 retornaram respondidos, 67 devolvidos em branco e 10 não retornaram. Os questionários foram aplicados no período noturno, Ensino Fundamental e Médio, sendo que para os professores foram entregues e devolvidos respondidos a mesma quantidade, num total de 35. Esse dado permite considerar a importância e responsabilidade que os professores atribuíram a pesquisa, transmitindo confiança em suas respostas; dos 11 formulários destinados a equipe diretiva foram respondidos 10, incluindo nessa categoria: diretora, equipe pedagógica, coordenadoras, bibliotecária e auxiliares administrativos.

Com relação à faixa etária dos entrevistados, os dados obtidos mostram que 70% dos alunos do Ensino Fundamental estão entre 30 a 40 anos, e 30% apresentam idade entre 20, 50 e 60 anos, por outro lado, os do Ensino Médio, 50% ficam na faixa etária de 30 anos, seguido respectivamente de 10% e 40% com 20 e 40 anos ou mais.

Entre a equipe diretiva e os professores, a maior parte deles está entre os 30 e 40 anos.

Os números envolvendo o tempo de magistério e o tempo de trabalho na escola nas categorias dos professores e equipe diretiva identificam que com relação ao tempo de magistério não diferem muito, ficando entre 18 meses a 37 anos sendo que a maioria possui entre 15 e 20 anos.

Já no tempo de trabalho na escola foram apontadas diferenças entre as categorias. A análise mostra que a primeira categoria apresenta menor tempo de trabalho na escola que a equipe diretiva, apontando que 10% estão na escola por volta de 10 anos e 90%, de um a cinco anos, sendo a maioria com apenas um e dois anos na escola.

Esses números evidenciam um problema para implementação da Proposta Pedagógica da Escola, uma vez que o rodízio de professores os distanciam da responsabilidade e entendimento dos reais desafios a vencer envolvendo a escola.

Aparecem na segunda categoria números que trazem benefícios para a escola, destacando que oferecem condições de desenvolvimento de sólido trabalho, haja vista que somente três pessoas estão na escola a menos de dez anos.

Essa condição é favorável para o conhecimento das implicações administrativas e as conseqüências pedagógicas da prática educativa, incluindo aqui não só a prática dos professores, como também a atuação dos funcionários da escola.

Nesse sentido, será primordial identificar os problemas e seus determinantes, distinguir suas peculiaridades, considerando seus efeitos na produtividade da escola, traduzidos na conclusão dos estudos pelo aluno e pela apropriação do saber científico e sistematizado.

Não há respostas simples para as questões levantadas, essa tarefa se apresenta difícil e necessita de decisão profissional firme e segura para detectar os problemas buscando alternativas possíveis para sua resolução.

Essa equipe assim constituída, parece dar uma característica peculiar à escola, imprimindo um caráter coletivo e no limite de suas possibilidades e das condições presentes na escola e no sistema educacional, concretizar a educação com a qual está comprometida.

O cuidado com a evasão escolar por parte dessa categoria manifesta-se por um lado, em medidas visando o retorno dos alunos evadidos, e por outro, pela preocupação em manter os alunos na escola antes que abandonem os estudos. No primeiro caso podem ser citados: telefonemas, visitas, envio de

recados e entrega de listas contendo os nomes de alunos evadidos para a equipe pedagógica.

Já, no segundo, as ações desenvolvidas denotam o engajamento de alguns professores com a equipe diretiva empenhados em planejar e desenvolver estratégias em sala de aula, tais como: momentos de estudo coletivo para alunos que estudam no individual, entendendo que o estudo individual é um processo solitário e com poucos estímulos, levantamento junto ao aluno acerca de suas dificuldades e aspirações futuras para assim trabalhar as necessidades individuais, aulas nos Laboratórios de Informática, Biologia, Física e Química com a finalidade de complementar as informações recebidas anteriormente, implementando a socialização dos conhecimentos adquiridos por meio do diálogo entre alunos e professores.

2.3- ANÁLISE E RESULTADOS:

2.3.1- Alunos/ família;

No que se refere aos alunos, como respostas sobre a escola, todos os comentários foram positivos, classificando-a como: boa, muito boa, excelente e ótima. Assim, exemplificando as opiniões apresentadas, vale citar algumas falas, entre elas: “dá oportunidade para os alunos terminarem os estudos”, “é boa, organizada e merendas deliciosas”, “muito importante para a formação do cidadão”, “é bom, porque os alunos são adultos e tem respeito”. O modo como os alunos se referiram à escola, indica um distanciamento e um certo desinteresse, ficando claro que não refletem muito sobre a escola. Essa afirmação justifica-se nos relatos apresentados quanto às mudanças pretendidas: uma grande parte dos alunos alega que não precisa mudar nada, outra parte, propõe que providenciem carteiras novas, aumentem o espaço físico, haja mais silêncio, ofereçam aulas no diurno e noturno e que tenham atendimento em todas as disciplinas de segunda à sexta-feira.

Com relação aos professores e à disciplina com maior dificuldade aparecem na ordem: Matemática, Inglês, Química e Física. Esse fato explica-se uma vez que essas disciplinas estão mais distantes da vida dos alunos, confirmando a necessidade da contextualização do conteúdo, favorecendo a proximidade entre conhecimento científico e conhecimento do senso-comum (RIBEIRO, 1999).

Os alunos classificam os professores como ótimos, excelentes e bons, atingindo a marca de 60%, entretanto, observa-se um certo descontentamento nos comentários que seguem elencados: "alguns são bons, outros péssimos" , "tem professor (a) muito estressado (a)", "bom, mas às vezes temos que pedir mais explicação", "eu não entendo o que o professor (a) fala".

Já no quesito participação nas aulas, os resultados da pesquisa apontam que 80% dos alunos se consideram ótimos, bons, participativos, atenciosos e freqüentadores regulares das aulas. No entanto, nota-se nas explicações, contradições nas respostas quando se desculpa por suas dificuldades, alegando que o ensino é difícil, porque: "falta e muitas vezes estou nas aulas cansado devido o trabalho diário", "aprendo a matéria dependendo da explicação do professor (a)", "não gosto de ler, acho que é por isso que não aprendo direito". Alguns alegam já terem abandonado a escola e conhecem muitos que pararam de estudar devido aos problemas citados.

Certamente, por trás das frases ditas pelos alunos estão presentes, muitas vezes, algumas das razões da evasão escolar concorrendo para: o medo do fracasso e de se esforçar, a necessidade de preservar a auto-estima, a dificuldade de enfrentar as dificuldades, entre outras. Diante destas constatações aparece a neutralidade da escola implícita nos alunos, assim também como a crença de que a causa do fracasso escolar realmente esteja nele próprio.

2.3.1.1- Evasão e a aprendizagem dos alunos.

Às vezes a falta de interesse do aluno, traduzida na evasão escolar é uma maneira de mascarar sua incapacidade para se esforçar. Mas em outras ocasiões não é assim. O aluno faria um esforço se percebesse que os conteúdos da aprendizagem são medianamente atrativos, úteis, conectados, com sua vida diária, atraentes o suficiente para que o esforço valha a pena. Quando, pelo contrário, descobre que aprender supõe apenas memorizar certos conteúdos distantes para recuperá-los depois em uma prova, sua atitude defensiva diante da aprendizagem vai se consolidando. Pouco a pouco, seu atraso vai se ampliando e chega um momento em que a distância com o ritmo médio da turma se torna intransponível. O aluno com dificuldades específicas de aprendizagem não apresenta, de início, problemas de motivação, se bem que progressivamente pode se sentir incapaz de realizar as tarefas propostas e abandona qualquer tentativa de superá-las, já que as atividades propostas “estão cheias de respostas para perguntas que ele não sabe quais” (VASCONCELLOS, 1995, p.38).

Conhecer não é fácil, exige esforço de ambas as partes: do aluno no domínio da leitura, na vontade ou necessidade de aprender e no estabelecimento de ligação entre o novo conhecimento e conhecimentos anteriores. Esses fatores tornam-se desafios a vencer sendo a sua ausência muitas vezes causa da evasão escolar, traduzido em desestímulo por Vasconcellos (1995).

A esse respeito Freire (1982) esclarece que o ato de estudar necessita de persistência e atenção, o que por sua vez, remete a uma atividade mental que está presente não só na resolução de tarefas de aprendizagem, como também na maior parte das ações sociais.

Essas reflexões mostram a importância da prática da leitura e da atenção, para que o aluno avance na sua automatização, já que alunos com dificuldades necessitam de mais tempo de prática e de mais orientação dos professores que o restante dos alunos. Se não dispõem delas, o risco de que sua aprendizagem se complique, e de que se atrasem muito, se torna cada vez maior.

O mesmo autor enfatiza que o esforço da parte do professor está na criação de possibilidades para não só transmitir conhecimentos como também

na sua superação ao entender o conceito "bancário" da Educação para assinalar a pernicioso relação professor (depositante) - aluno (depósito) de conhecimentos, revelando assim seu papel como instrumento de dominação e, além disso, a concepção de educação como uma situação que desafia a pensar corretamente e não a memorizar; uma educação que propicie o diálogo comunicativo e que problematize dialeticamente o professor e o aluno. A primeira concepção (bancária) da educação é sem dúvida instrumento de opressão; a segunda, busca constante de libertação.

A tarefa do professor deve ser então a de problematizar para os alunos o conteúdo que os mediatiza e não entregá-lo e expressá-lo como algo já feito e acabado (Freire, 1982).

Os alunos apontam proximidade sobre a função da escola e o entendimento que eles têm sobre essa questão uma vez que as respostas foram: "preparar para o futuro", "melhorar a comunicação entre as pessoas", "trazer conhecimento", "oferecer qualidade de vida", "ensinar os alunos para que estejam mais preparados para entender o mundo e viver em sociedade". Todavia, esses depoimentos comprovam pouca clareza a respeito do valor da escolarização e quanto a sua participação como cidadão na sociedade, sendo esses jovens e adultos excluídos socialmente há muito tempo dos bancos escolares e que trazem consigo marcas profundas dos processos passados e reflexos de uma sociedade injusta e excludente, sendo que muitos deles já não acreditam em mais nada, nem na própria escola; a considerar suas falas, que apesar de dizerem que a escola é muito importante e que oferece condições de um futuro melhor, na prática, isso não se concretiza, ao examinar os altos índices de evasão escolar (Freire, 1982).

A função da escola mais descrita foi a de transmitir conhecimentos, contudo, quantos e como? Sobre esse assunto Azanha (1993) acredita que o trabalho educativo centrado em muitas atividades extra-classe e o aumento de informações envolvendo assuntos relacionados a outras áreas, em detrimento de questões específicas da escola, e do currículo como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, contribuem para a desvalorização e descaracterização da escola. Essa concepção traz a possibilidade da escola recuperar sua força de atuação junto a sociedade, ao

provar que é capaz de transmitir conhecimentos por meio do domínio do ensino de conteúdos.

Outro elemento a ser considerado, quando se busca a melhoria do ensino, é o entendimento que a tarefa educativa se constituiria muito maior, denominado de “ideal pedagógico” pelo autor; sendo que a busca deste, implica no trabalho centrado na perspectiva da formação de: “homens críticos, livres e criativos até mesmo a partir de condições sociais, políticas e econômicas adversas” (AZANHA, 1993, p. 43).

Em síntese, fica clara a idéia de que não é possível ensinar diretamente alguém a ser crítico, mas a atitude crítica pode ser desenvolvida à medida que o aluno se instrui, adquirindo uma cultura geral sólida, o que reforça a afirmação sobre a função da escola e a sua força de atuação.

Isso posto, a aquisição da cultura geral virá por acréscimo, assim também como o conhecimento centrado no processo ensino aprendizagem, responsável pela adequada intervenção pedagógica, que por sua vez trará a valorização do trabalho docente (OLIVEIRA,1997).

Está claro que no cenário educacional, o aluno aparece como elo mais fraco dessa engrenagem, ficando a deriva, sendo sua vida levada para lá e para cá, a mercê da massificação imputada a ele pelo poder dominante. Nesse sentido, Freire (1982), defende a idéia de que é preciso superar o condicionamento do pensar falso sobre si e sobre o mundo. Isso implica na revisão profunda nos modos de conceber o mundo e nas manifestações dos jovens e adultos para tomarem nas mãos o próprio destino.

Seguindo este raciocínio, o professor tem muito a contribuir, sendo ele peça fundamental seguido depois da família ou do próprio aluno, capazes de fazer frente aos problemas voltados à aprendizagem e à transformação da visão de mundo em sentido mais amplo

Essas iniciativas de mudanças são marcadas graças à comunicação com seus colegas, professores e funcionários da escola, e com os familiares, implicando na reflexão sobre o futuro, na observação de outros modelos sociais, sintetizando assim os princípios da conscientização e emancipação.

2.3.2- Professores;

Dos questionados, 90% dos professores consideram a escola excelente, uma vez que as respostas relacionadas denotam esse conceito ao classificá-la como: “excelente”, “escola acolhedora e modifica a vida de muitos alunos”, “a melhor escola que já trabalhei”, “organizada e com profissionais de qualidade e atuantes”. Contudo, os comentários complementares às afirmações anteriores, legitimam a necessidade de estudos, acerca das especificidades do trabalho na EJA, como se observa nas falas descritas a seguir: “excelente, mas têm muitas reuniões pedagógicas”, “escola agradável, mas deveria mudar a cooperação entre professores e funcionários”, “deveria matricular alunos com 13 anos”, “a prática pedagógica e a apostila deveriam ser direcionada para alunos trabalhadores”.

O relato dos professores procede, a considerar que em seus depoimentos, aparece um certo descontentamento pessoal e apatia acerca dos problemas da escola em detrimento da preocupação que deveriam dirigir a essa parte do trabalho conjugados na aprendizagem do aluno e questões relacionadas a evasão escolar, sobretudo por ser esse o maior problema da escola, resumem as outras dificuldades convergentes à prática pedagógica.

Entre as mudanças que fariam na escola, chamou a atenção na pesquisa, as idéias apresentadas pelos alunos, as quais convergem com as dos professores, tal como pressupõe as seguintes afirmações: “a escola necessita de mais opções de atendimento ao aluno envolvendo dias e turnos”, “melhorar o espaço físico”, “mais recursos pedagógicos”.

Ao responder às perguntas sobre a prática pedagógica e como são suas aulas os professores se consideram excelentes, enumerando uma série de qualidades, assim como pressupõem suas próprias palavras: “trabalho, respeitando as diferenças individuais”, “desenvolvo atividades de auto-estima”, “observo a realidade dos alunos”, “trago atualidades”, “minhas aulas são dinâmicas, de acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais da minha disciplina”. Apenas uma resposta foi diferente das demais, descrita como: “tento fazer o melhor. Mas sei que tenho muito a melhorar”.

É complicado admitir que algo nessa engrenagem não está funcionando bem, mas é importante que essa análise seja feita para enfrentar com maiores garantias de êxito as divergências que surgiram sendo elas algumas das causas da evasão escolar.

Torna-se pois, difícil delimitar as responsabilidades dos fenômenos ligados à evasão escolar, porque o problema é complexo e se produz no resultado de um conjunto de fatores que atuam de modo coordenado, já que nenhum deles tomado isoladamente o conseguiria provocar (BRASIL, 2006).

2.3.2.1- Evasão e a legitimidade dos fatos.

Por muito tempo, o imaginário escolar e docente aparentou aceitar com muita tranqüilidade o fracasso escolar traduzido por aprendizagem ineficiente e evasão escolar como fator social e cultural, se eximindo de toda e qualquer culpa. Contudo, na última década, essa passividade toma outra característica: a dúvida sobre a legitimidade do fracasso escolar voltada para a cultura social e política, segregadora e excludente; ou se a escola ingenuamente não reproduz essa mesma sociedade contribuindo para que os alunos continuem excluídos da sociedade (ARROYO, 2001).

A análise da pesquisa confirma esse dado ao mostrar que os motivos que afastam os alunos da escola, na visão de grande parte dos professores, pouco se diferem das explicações vindas dos alunos, leigos no assunto, ligados a problemas de ordem, econômica e social, em detrimento dos fatores didáticos e pedagógicos que têm deixado os educandos desestimulados e com baixa auto-estima.

Na verdade, a afirmação apresentada sobre as causas da evasão é concebida como algo fora do contexto escolar, inclusive inerentes aos próprios alunos. Nesse sentido, constatou-se que a aparência mais esconde que revela a essência. O problema social vem carregado de influências e determinantes, visto que a tarefa é descobrir as manifestações que estão por detrás dos fatos.

A esse respeito Aquino (1997), enfatiza que as causas da evasão escolar são imputadas a casualidades levando a assuntos distantes do âmbito escolar, atribuídas a assuntos particulares e problemas sociais, como os apresentados acima.

Diante dessas constatações o poder que o professor tem nas mãos para lutar contra essas adversidades é a necessária preocupação com a evasão escolar, traduzida na prática pedagógica centrada exclusivamente no conhecimento, já que essa característica é específica do âmbito escolar. Isso implica em assegurar conhecimentos teóricos envolvendo a educação nos seus fundamentos e como instituição escolar, para trabalhar sem interferência das outras áreas da ciência que explicam os fenômenos educacionais, sendo eles, aceitos sem discussão pela sociedade e até pela comunidade escolar (AQUINO, 1997).

Imputar ao professor individualmente todos os defeitos da educação é tão injusto quanto livrá-lo de toda responsabilidade, assim é interessante mencionar nessa reflexão que o professor deve proporcionar a todos os seus alunos informações, fornecendo-lhes material cultural relevante que responda aos objetivos e conteúdos da série correspondente, que seja apropriada, que esteja adaptada às suas possibilidades e possa, portanto, ser compreendida por seus alunos, individualmente (AQUINO).

2.3.2.2- Evasão e o trabalho educativo.

Até aqui reuniram-se as opiniões dos professores referentes ao que sentem, o que lhes preocupam e como convivem e desenvolvem seu trabalho, seguidos de análise e indicação de estudiosos acerca dos assuntos abordados.

A última pergunta feita aos professores refere-se à função da escola e seu cumprimento, que, mediante os dados coletados refletem com bastante precisão, o fato de concordarem que é a transmissão de conhecimentos científicos e na colaboração com a formação do cidadão, frente às desigualdades sociais. Contudo, existe uma preocupação compartilhada com o

cumprimento, apenas em parte, dessa função, dadas as circunstâncias descritas por eles como: “têm muitas implicações no sistema educacional brasileiro com a desvalorização da educação”, “falta de conhecimentos e idealismo dos educadores”, “influências negativas da sociedade, sentidas na escola, com a perda de valores, daqueles praticados por ela”, “a dificuldade de aprendizagem dos alunos” e “a evasão escolar causada por fatores sociais e familiares que os distanciam da escola”.

Nota-se em Balzan (1989), que o trabalho educativo é fortemente marcado pelo pragmatismo, e, paradoxalmente, mesmo tendo conhecimento dos grandes problemas da tarefa educativa abrangendo as teorias psicológicas de desenvolvimento e o caráter ideológico de massificação inculcada à sociedade pelo poder dominante, não aceitam e nem ousam trabalhar levando em consideração pesquisas e estudos feitos pela comunidade universitária ou por cientistas da educação. Aparentemente existe um bloqueio, que distancia os professores e os teóricos da educação: se por um lado, as escolas e seus protagonistas discordam das verdades ditas pelos estudiosos sobre os assuntos educacionais; por outro, a distância parece aumentar a cada dia, e junto com eles os problemas, trazendo maior desvalorização para a profissão. Essa forma de considerar as práticas cotidianas, possibilita problematizar a apatia e o conservadorismo que comumente são associados à figura dos professores, em oposição ao teor inovador atribuído aos discursos acadêmicos e às propostas neles veiculadas. A esse respeito Balzan (1989), esclarece que a educação, como parte da sociedade, não está isolada, fazendo parte do contexto social, político e econômico e aí se encontra a raiz do problema educacional: “tudo pode e nada pode fazer”. Necessário se faz recuar um pouco, mostrando que a história conta que a escola está mais a serviço da conservação do poder instalado, reproduzindo as relações sociais vigentes, do que como fator de mudança. Ao enfrentar crises, as pessoas preferem fazer o que estão acostumadas, por insegurança daquilo que possa vir a acontecer, assim se explica também o motivo pelo qual os professores recusam a renovação didática, até porque na visão do autor, a escola não transforma a sociedade, contudo, “ela também pode ser fator de mudança”.

2.3.2.3- Evasão e seu enfrentamento: autonomia da escola.

Autonomia da escola é um termo muito utilizado referente ao universo educativo e no interior das próprias escolas, todavia seu sentido é carregado de significados e responsabilidades (1993). A autonomia nas escolas, virá por meio da revisão dos compromissos assumidos na Proposta Pedagógica e no Projeto Político Pedagógico, com o propósito de realizar um trabalho voltado para a transformação dos alunos. Além disso, a comunidade, tomando em consideração não as prescrições de uma pedagogia abstrata, mas as condições reais dos alunos no reconhecimento, em primeiro lugar, da necessidade de chegar a um consenso referente à tarefa educativa. Autonomia da escola refere-se à escolha do método, técnica ou procedimento para a efetivação da tarefa educativa. Contudo, essa autonomia é resolvida no coletivo da escola e não significa autonomia de cada professor em sala de aula. Dessa forma, só tem significado a partir de uma perspectiva particular centrada em questões pontuais presentes na escola. Centrar o foco no aluno significa trabalhar com esse aluno real, encontrar uma maneira de levá-lo a exercer seu livre arbítrio e, com determinados limites sociais, culturais e econômicos, escolher seu lugar, saber se posicionar em sociedade, fazer escolhas políticas.

Dessa maneira, Azanha (1987), enfatiza que a discussão teórica abrangendo a prática educativa ainda trata o aluno como um ideal, entretanto, a relação educativa é, na verdade, uma mediação entre o ideal e o real, e nessas condições, vale destacar que o empenho do professor em ensinar e o esforço do aluno em aprender, são elementos indispensáveis num trabalho educativo sério. Nesse sentido, a escola é concebida como um lugar de trabalho sério, que “pode e deve ser agradável, mas não de lazer”.

A autonomia da escola ainda está em construção, todavia não foi entendida adequadamente, se restringindo na elaboração de documentos, antes vindo prontos de órgãos educacionais superiores. O momento histórico vivido atualmente é a busca desse ideal, somente a escola por meio dos

envolvidos no processo educativo pode estudar os seus problemas, revisando seus compromissos com a tarefa educativa e se organizar para resolvê-los. Ledo engano, esperar soluções de outras esferas da sociedade, mas, paradoxalmente à essa posição, a comunidade educativa fica à espera e nessa espera, torna-se vulnerável e pouco a pouco se enfraquece como representante oficial do conhecimento (AZANHA, 1993). Aqui cabe a metáfora: “a César, o que é de César”, o que significa dizer que somente a escola, especialmente os professores, podem mudar o rumo da história e fazer acontecer o processo de aprendizagem, sendo essa tarefa da escola, de mais ninguém.

2.3.3- Equipe diretiva;

Na categoria equipe diretiva inclui-se a diretora, a equipe pedagógica, as coordenadoras, uma professora readaptada na função de bibliotecária e os auxiliares administrativos.

As respostas das questões envolvendo a escola expressam a crença de sua valorização, tendo em vista que grande parte dos questionados cita que a equipe de trabalho da escola mostra-se preocupada em atender bem aos alunos, respeitando suas necessidades. Todavia, aparece a preocupação com a Proposta Pedagógica da escola, considerando que deve ser colocada em prática e preservada para que se mantenha suas especificidades e diferenças com o ensino regular.

A ação didática coletiva é capaz de reverter em parte, o quadro da evasão escolar, ao refletir sobre as formas adequadas de se trabalhar na EJA, principalmente quanto ao perfil dos alunos, os objetivos e a função da escola. É necessário compreender que um ensino de qualidade não se faz só no trabalho de cada professor de forma isolada, mas no planejamento conjunto da escola. Essa reflexão compartilhada por parte dos envolvidos no processo ensino aprendizagem se configura extremamente útil para enriquecer a visão que cada um tem e para confrontá-la com interpretações de seus colegas. Esse

enunciado se sustenta para que os alunos percebam que existe um certo grau de coerência na ação educativa dos professores, pelo menos nas normas e sanções, nas tarefas propostas aos alunos, na possibilidade de diálogo e no sistema de avaliação da escola (BALZAN,1989).

2.3.3.1- Evasão escolar e suas causas.

Na procura pelas causas do fracasso escolar alguns estudos já mostraram que os fatores vinculados aos alunos, como: suas capacidades, sua motivação ou sua herança genética são determinantes. Outras perspectivas, pelo contrário, deram ênfase principalmente aos fatores sociais e culturais. O fato de que as classes socialmente desfavorecidas apresentem uma porcentagem superior de fracasso reforça tal posição. Existem também visões alternativas que situam, em segundo plano, os fatores individuais e sociais e atribuem a responsabilidade maior ao próprio sistema educacional, ao funcionamento das escolas e ao estilo de ensino dos professores. Entretanto o resultado do fracasso escolar é o produto da interação de três tipos de determinantes:

- psicológicos: referentes a fatores cognitivos e psicoemocionais dos alunos (BRASIL, 2006);

- socioculturais: relativos ao contexto social do aluno e as características de sua família. (OLIVEIRA, 2001);

- institucionais: baseadas na escola, tal como, métodos de ensino inapropriados, currículo e as políticas públicas para a educação (AQUINO, 1997).

Somado a esses três fatores, encontra-se também aqueles ligados à economia e à política (BRASIL, 2006).

É importante que se esclareça que, dada sua complexidade para refletir sobre eles em um único artigo, a discussão estabelecida aqui refere-se apenas a questões ligadas a fatores institucionais: sobre a escola e a prática

pedagógica; e alguns problemas de ordem psicológica, como dificuldades de aprendizagem.

Ficou evidente nas necessidades de mudanças o fazer pedagógico e questões relacionadas ao funcionamento da própria escola, haja vista os problemas apresentados pelos questionados, sendo apontados: a rotatividade dos professores, a prática de alguns docentes, a organização das disciplinas envolvendo carga horária e dias de funcionamento e a evasão escolar, caracterizada por aumento constante de infreqüência nas aulas.

Na seqüência, ao descrever a prática pedagógica dos professores, coloca-se duas posições: uma mostrando que uma parte deles é responsável, competente e comprometida com a escola, trabalhando de forma adequada, com relação ao atendimento do jovem e adulto e á organização exigida para o tipo de escola que é o CEEBJA. Outra evidenciando que muitos professores precisam mudar sua prática pedagógica, já que o trabalho desenvolvido aparece centrado no livro didático (no CEEBJA são cadernos de apoio), priorizando aulas expositivas e desmotivadas. A esse respeito Vasconcellos (1995), diz que a falta de adaptação do aluno somado ao método de ensino das escolas são os responsáveis em grande parte pelo fracasso escolar.

O mesmo autor não deixa qualquer dúvida nessa passagem quanto ao fato apresentado abaixo:

[...] o grande problema da metodologia expositiva, do ponto de vista pedagógico, é seu alto-risco de não aprendizagem, em função do baixo nível de interação sujeito-objeto de conhecimento-realidade (o grau de probabilidade de interação significativa é muito baixo) (VASCONCELLOS, 1995, p.22).

A esse respeito, o que se pode observar é a confirmação do que o mesmo autor reitera, por meio de pesquisas pedagógicas realizadas, ao comprovar que o aproveitamento escolar de um ano para o outro é de apenas 10% a 20% relacionado ao conteúdo ensinado.

2.3.3.2- Evasão e a distância entre as pretensões da escola e do aluno.

Com relação ao atendimento do aluno, a pesquisa evidencia que se atribui papel preponderante àquele destinado ao ensino regular, relegando-se a segundo plano as especificidades da EJA. Nas palavras de Oliveira (2001) é preciso considerar a condição de não crianças, do grande contingente de excluídos da escola somados a fatores culturais determinantes no grupo de alunos da EJA.

Em primeiro lugar um aspecto cultural do aluno da EJA, é sua especificidade cultural, presente na situação de excluído da escola regular, em segundo é a adequação dos currículos e programas para uma clientela que a princípio não é a sua. Oliveira (1995 apud OLIVEIRA, 2001), enfatiza que as situações de aprendizagem apresentadas não podem ser as mesmas do ensino regular, uma vez que os adultos possuem habilidades e dificuldades específicas, e uma capacidade maior de reflexão sobre si mesmo e o seu próprio processo de aprendizagem. Entre as dificuldades do aluno da EJA, relacionados à escola aparecem: a importância da experiência pessoal, as dificuldades referidas à abstração dos conteúdos e à sistematização dos mesmos e o restrito uso de processos metacognitivos

Oliveira (1997) não concorda com concepções baseadas no culturalismo, ao alegar que levada ao extremo pode levar a um “relativismo radical e espontaneísta”. Ao considerar a realidade e a cultura do aluno com os conhecimentos adquiridos para o desenvolvimento de suas vidas e seus costumes em determinados grupos culturais, não permitiria muitas influências e interferências no sentido de mudanças relacionadas ao modo de viver desses grupos. Com base nesse pensamento chega-se a uma posição contrária aos objetivos educacionais relacionados à transformação do ser humano e sua realidade.

Os adeptos dessa concepção afirmam que o fracasso escolar atribuído à escola emerge da postulação de que o problema está na distância entre o que esperam os alunos e o que a escola lhes oferece (OLIVEIRA, 1997).

A mesma autora concorda com essa afirmação, entretanto exemplifica que não concorda com abordagens que se referem à distância intransponível entre a escola e o aluno baseadas na incapacidade de aprendizagem do aluno. Seguindo este pensamento, a interferência educativa apropriada, aliada à importância da escola como representante da sociedade letrada, podem ajudar os alunos a vencerem suas dificuldades e, conseqüentemente a exclusão social.

Oliveira (2001) exemplifica a situação da evasão escolar na EJA, indicando como uma das causas institucionais, o desencontro entre a escola e os alunos, o qual já foi assinalado anteriormante. Caracteriza-se por questões de aprendizagem e pela própria organização da escola, que funciona dentro de um contexto próprio, que deve ser conhecido por toda a comunidade escolar, uma vez que em seu interior a linguagem escolar concorre como a maior dificuldade à aprendizagem, maior até que o próprio conteúdo.

Apenas pessoas com níveis mais altos de habilidade na leitura conseguem compreender instruções escritas, sendo assim Ribeiro (1999), enfatiza que para aprender, o leitor precisa avaliar com objetividade o que falta para se efetivar o conhecimento relacionado ao conteúdo estudado e quais informações devem ser completadas para que o processo de aprendizagem se complete. Por esse motivo, a importância na contextualização do conteúdo, sendo que o aluno se conecta com o texto e estabelece relações entre fatos conhecidos e desconhecidos referentes ao conteúdo estudado e dessa maneira o professor consegue fazer a mediação necessária no processo ensino e aprendizagem.

Uma boa aula é tão importante que figura como uma mola propulsora estimulando o gosto pelo estudo: ao apresentar o conteúdo de formas variadas, o professor prende a atenção do aluno, reforçando a idéia que o elemento surpresa mantém o seu interesse. Além disso, a intervenção pedagógica aumenta a amplitude do conteúdo, sendo que o fornecimento de instruções e pistas, induz o aluno à reflexão, exigindo intenso trabalho cognitivo, desenvolvendo assim, as “capacidades intelectuais superiores” (BALZAN, 1989, p. 267).

Dando continuidade à contribuição da equipe diretiva nessa pesquisa recaiu sem dúvida no reconhecimento de que o maior problema da escola é a evasão escolar, entendida aqui como o resultado do fracasso escolar somando uma série de determinantes e que a cada ano se constituem bem mais presentes no contexto educacional. (AQUINO, 1997).

Para a presente discussão, o aspecto específico dessa ampla questão que se destaca, citados nas ações da equipe diretiva descritas na pesquisa realizada no CEEBJA- Nova Londrina, é de que é preciso avançar por vários caminhos sendo eles: levantamentos periódicos dos alunos evadidos; ouvir os professores e alunos, e após, proposição de ações no combate à evasão escolar; estudo da Proposta Pedagógica e de Projeto Político Pedagógico da escola com a finalidade de mostrar como é o trabalho na EJA, seus objetivos, o encaminhamento metodológico, o atendimento do jovem e ao adulto e o sistema de avaliação; proposição de inovações pedagógicas com aulas mais dinâmicas e preparação de atividades diferenciadas e personalizadas para alunos adultos e com dificuldades de aprendizagem.

Na seqüência, com relação a estudos envolvendo os funcionários da escola, é importante que a equipe de direção conheça a situação de sua escola, as resistências de uns e os desejos de mudança de outros, e seja capaz de estabelecer um ritmo de trabalho que una um grupo significativo de professores. Nesse sentido, Balzan (1989), considera que a colaboração entre as equipes de professores de uma escola não é simples; a considerar a diversidade normal de situações profissionais e pessoas que condicionam as afinidades e as redes de relação, somam-se a essa questão dois fatores que freiam o estabelecimento de culturas de colaboração: a forte tradição individualista e a aceitação ou negação da proposta de trabalho da escola e assim, instalam-se os conflitos, dificultando o desenvolvimento da tarefa educativa em prol dos objetivos educacionais.

3- CONCLUSÃO

Para concluir é necessário reconhecer as limitações deste trabalho envolvendo a evasão escolar, dada suas implicações, incluindo desde fatores cognitivos e psicoemocionais dos alunos a problemas socioculturais, institucionais e aqueles relacionados a economia e a política (BRASIL, 2006). Por essa razão o recorte feito aqui é constituído por parte dos determinantes institucionais, reportando-se apenas a questões relacionadas ao trabalho educativo desenvolvido nas escolas públicas.

Considera-se nessa perspectiva, oferecer subsídios para o adequado desenvolvimento do trabalho educativo na escola, com a ajuda de autores estudados, que ofereceram importantes contribuições, no sentido de amenizar os prejuízos causados pela evasão escolar.

Com esse objetivo foram levantados aspectos importantes da opinião dos alunos, equipe diretiva e professores, sobre o CEEBJA de Nova Londrina. Assim também como as características do exercício diário referente ao trabalho docente. Ao mesmo tempo esse levantamento possibilitou detectar os problemas e os pontos divergentes entre os participantes.

De qualquer modo, o importante a registrar aqui é a intenção da equipe diretiva e dos professores em propiciar um ensino de melhor qualidade. Intenção essa que procura romper com a passividade e aceitação presentes no ensino tradicional e que ainda vigora. Mesmo assim, a educação que se realiza, não deixa de ser semelhante aquela dispensada na maioria das escolas públicas do país, apresentando os mesmos problemas e desencontros. Isso equivale dizer, segundo Aquino (1997) que apesar das intenções e esforços da equipe diretiva e professores, comprometidos com uma educação de qualidade, os determinantes envolvidos no processo educacional parecem não deixar de atuar e decidir o tipo de ensino que se realiza nas escolas.

O mesmo autor enfatiza que mesmo que a comunidade escolar não tenha consciência dessas forças sociais mais amplas, um desses determinantes que parecem atuar de forma decisiva consiste na crença que a evasão escolar, traduzida aqui por fracasso escolar, é um fenômeno natural, com previsão que se assume como uma regularidade social inevitável.

Trata-se antes, de um fenômeno produzido pela ação dos seres humanos. Assim, por não ser desejável, ninguém assume a responsabilidade

da sua produção, por isso dá a sensação de que ninguém o produz, que é um fato espontâneo e natural. Habitualmente o fracasso escolar é imputado aos alunos, ficando por norma os fatores que o provocam, fora do seu controle e da sua responsabilidade (ARROYO, 2001).

Pelo exposto no texto não é difícil perceber, que cabe a cada uma das partes envolvidas, fazerem bem mais do que aparece na realidade educacional, relacionado às ações desenvolvidas pela escola e professores, por alunos e sociedade e pelas políticas públicas educacionais.

Nesse sentido cabe à escola, transformar parte da realidade, que produz o fracasso e a evasão escolar, trazendo como conseqüência a exclusão social. Isso equivale dizer, que é preciso delimitar algumas possibilidades da escola, em torno dos quais podem ser tomadas medidas no sentido de trazer-lhes mais credibilidade e competência (AQUINO, 1997).

Como escreveu Frigotto (1989, p. 200) é preciso instrumentalizar o aluno de maneira que possa lutar contra as adversidades que a vida lhe impõe, referente às relações econômicas e históricas; a escola importante para a classe trabalhadora é aquela que mostra a contradição nas relações entre a classe dominante e os dominados e a condição da negação histórica do saber, imposta aquela, pela classe dominante. A instrumentalização citada aqui é referente ao ensino da leitura e da escrita e ao efetivo ensino de conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento, sendo a educação trabalhada no interior da escola como uma atividade humana e transformadora, inserida no movimento coletivo de emancipação.

Seguindo esse raciocínio, Balzan (1989), defende a idéia, que a escola e o professor devem ter clareza dos objetivos que pretende atingir com seu trabalho. Não aqueles objetivos descritos em planos e documentos da escola, mas, sobretudo aos que dizem respeito à prática da escola e do professor; refere-se a intencionalidade do que se ensina, a importância destinada ao conteúdo em questão, e a maneira que o professor conduz o processo de ensino/aprendizagem.

Dessa forma o conhecimento de que a intencionalidade do trabalho educativo está presente, demanda na compreensão da significação profunda da adequada intervenção pedagógica, denominada por Vasconcellos (1995) de

mediação entre o conteúdo e a realidade do aluno; essa será determinante para que a aprendizagem se efetive, implicando na escolha adequada das atividades a serem trabalhadas com os alunos. Para tanto se faz necessário entender o nível cognitivo do aluno e a importância de trabalhar o conteúdo de forma a contextualizá-lo, favorecendo assim a aproximação entre o conhecimento sistematizado e o conhecimento do senso-comum, fortemente incorporado pelo aluno como um conhecimento pré-estabelecido.

Ao acompanhar essa descrição sobre o efetivo trabalho pedagógico, parece uma tarefa fácil, que já é realizada nas escolas. Contudo, essa pesquisa e outras conhecidas e estudadas por acadêmicos e pela classe dos professores, apontam que a distância entre as pretensões da escola e do aluno continuam evidentes.

Outro ponto considerado determinante para que a aprendizagem se efetive e diminua a evasão escolar, refere-se à autonomia das escolas. Todavia, ela diz respeito à autonomia do ato de ensinar e não a decisões meramente burocráticas. Isso posto, avança-se naquilo que à primeira vista parece simples, haja vista que a escola deve cumprir o seu papel, que é ensinar e ensinar bem, uma vez que essa responsabilidade é inteiramente sua. Entretanto, a desqualificação do trabalho educativo aparece, na constatação de aulas monótonas e sem objetivos propostos, muitas vezes, com planejamentos inadequados e até mesmo sem sua realização; as atividades e conteúdos são escolhidos em grande parte sem uma análise do livro didático, sendo ele utilizado pelo professor, apenas como reprodução, não havendo uma reformulação dos conteúdos de acordo com a capacidade do aluno. Daí ser possível inferir que a escola reforça idéias de elitização e exclusão social. Justificando aparentemente a posição de desconhecer a intrínseca relação do trabalho educativo com a emancipação humana (FRIGOTTO, 1989).

Cabe ressaltar o que salienta Azanha (1992), a respeito do Projeto Político Pedagógico, enfatizando, que este não pode encerrar-se no discurso teórico, como se somente as intenções bastasse, para obter o tão sonhado sucesso educacional. Nem tampouco pode simplesmente conter indicações práticas da tarefa educativa. Ao contrário, deve revelar capacidade concreta de

trabalhar a prática, tendo a teoria como suporte teórico, capaz de lhe dar sustentação.

Como se vê, até aqui foi discorrido sobre as causas da evasão escolar, entendida por muitos autores por fracasso escolar, convergindo para suas conseqüências, justificando parte do processo. Brasil (2006), evidencia a ocorrência de baixa auto-estima ligada a timidez excessiva e ao sentimento de incapacidade, dificuldade para o ingresso no mercado de trabalho, má qualidade de vida, desqualificação e barateamento de mão-de-obra, estímulo a violência e prostituição, gravidez precoce, consumo e tráfico de drogas. Enfim, a maior conseqüência é a consolidação da desigualdade social, que por sua vez, coloca as pessoas numa situação completamente desprotegida, com dificuldades de saída dessa complicada condição.

Embora haja riscos e desconfortos, envolvidos nesse tema, deve-se deixar de lado, a relutância tradicional, de investigar cientificamente os fenômenos que causam a evasão escolar, de modo a compreendê-la à luz de estudiosos que procuram clarificar seus determinantes e quais as intervenções necessárias. A esse respeito Vasconcellos (1995) anuncia que somente os professores interessados pela ciência da educação obterão sucesso em seu trabalho.

3- REFERÊNCIAS.

AQUINO, Júlio Groppa. O mal-estar na escola contemporânea: erro e fracasso em questão. AQUINO, J. G. (Org.). In: **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. 4. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 91-110.

ARROYO, Miguel. Prefácio. PARO, V. H. In: **Reprovação escolar**: renúncia à educação. 2. ed. São Paulo: Xamã, 2001.

AZANHA, José Mário Pires. **Educação**: alguns escritos. São Paulo: Nacional, 1987.

_____. **Autonomia da escola: um reexame.** São Paulo: FDE, Série Idéias n.16, p. 37-46, 1993. Disponível em: <http://www.google.com/crmariocovas.sp.gov.br.html>>Acesso em: 27/10/2008.

BALZAN, Newton Cesar. Sete asserções inaceitáveis sobre a inovação educacional. GARCIA, W. E. (Coord.). In: **Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas.** Coleção educação contemporânea: 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989, p. 264-285.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Alunas e alunos da EJA.** Brasília: Coleção: Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos, 2006.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FRIGOTTO, **Gaudêncio.** **A produtividade da escola improdutiva.** Coleção educação contemporânea; 3. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. RIBEIRO, V. M. (Org.). In: **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras.** São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Mercado das Letras, 2001, p. 15-44.

_____. Sobre diferenças individuais e diferenças culturais: o lugar da abordagem histórico-cultural. AQUINO, J. G. (Org.). In: **Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas.** 4. ed. São Paulo: Summus, 1997, p. 45-62.

RIBEIRO, Vera Massagão. **Alfabetismo e atitudes:** pesquisa com jovens e adultos. São Paulo: Ação Educativa; Campinas: Papyrus, 1999.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** Cadernos Pedagógicos do Libertad, 2; 3. ed. São Paulo: Libertad, 1995.